

24 | sexta-feira 8 de janeiro de 2016 | www.oje.pt OJE

2016 como será?

grandes temas

ENSINO

Há 200 mil razões para continuar a estudar Engenharia

O futuro do país e da Europa e muito do novo emprego está nas engenharias. Mas a empregabilidade dos cursos parece não chegar para atrair os jovens. O que falta? A Matemática. Um engenheiro não nasce na universidade...



Alicates, bicicletas, automóveis, computadores, internet... a maioria dos produtos que utilizamos diariamente foi concebida por engenheiros.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@oje.pt

Da roda à construção dos templos gregos, da inovação das caravelas à idealização da máquina a vapor, passando por milhares de produtos e equipamentos que ao longos dos séculos mudaram a vida na Terra - tudo isto é obra da Engenharia. No mundo em que vivemos, tão tecnológico, é nos vários ramos da Engenharia que residem muitos dos novos empregos que estão a ser criados, tanto em Portugal como na Europa.

A OCDE prevê a falta de 200 mil engenheiros que não estão a ser formados a nível europeu até 2020. Se trabalho é tudo aquilo que um jovem quer quando sai de um instituto ou de uma universi-

dade, quase se pode dizer que este número encerra idêntico número de oportunidades. No mínimo, algo parecido. Pedro Mira Martins, senior manager da Michael Page Engineering & Property, explicou ao OJE que "a nível europeu, existe uma necessidade grande de engenheiros qualificados", razão pela qual "os profissionais de Engenharia continuarão a ser bastante requisitados". Em vários países do velho continente, a falta faz-se sentir sobretudo ao nível de engenheiros civis, mecânicos, eletrotécnicos e industriais. Em Portugal, até 2020, as necessidades "serão bastante fortes". Nas indústrias automóvel, metalomecânica, alimentar, plásticos, moldes e aeronáutica, associado à qualidade da mão-de-obra, é importante

referir que Portugal é considerado um "low cost country" em termos laborais. Assim - diz o responsável da Michael Page -, "o mercado europeu representa um mercado atrativo de investimento ao OJE que "a nível europeu, existe uma necessidade grande de engenheiros qualificados", razão pela qual poderão vir a ser necessários vários engenheiros qualificados nestas áreas".

Engenharia Civil, setor onde Portugal tem uma longa tradição e expertise, é uma área de oportunidade, dado o défice existente. A campanha de alarme soou há pouco mais de um ano, quando metade das vagas de acesso ao ensino superior ficou por ocupar. Na altura, a Ordem dos Engenheiros alertou: Portugal vai ter falta de profissionais dentro de cinco a



A OCDE prevê a falta de 200 mil engenheiros a nível europeu até 2020, que não estão a ser formados

seis anos, o que, a verificar-se matará, a tradição exportadora do país nesta área.

Em Portugal, o podium da empregabilidade total é ocupado por vários cursos de Engenharia, de diferentes universidades e institutos superiores de norte a sul do país, com destaque para a Engenharia Informática, a Engenharia de Telecomunicações e a Engenharia Electrotécnica. A licenciatura de Engenharia de Telecomunicações e Informática do Técnico, por exemplo, não dá abasto. Antigos alunos brilham hoje no mundo. Se assim é - e, em rigor, é -, porque razão não é a Engenharia atrativa para a maioria dos nossos jovens?

A verdade é que formar engenheiros é um processo complexo que começa muito cedo. Começa na estruturação do pensamento lógico, na Matemática e na Física, disciplinas que carregam o peso da dificuldade e a exigência de trabalho. Recentemente, o Bastonário da Ordem dos Engenheiros, Carlos Alberto Martins Ramos alertava em género de denúncia, num artigo de opinião, no diário Público: "É urgente perceber as razões que 'excluem' tantos jovens da aprendizagem, sobretudo, da Matemática: porque não têm realmente capacidades? Porque os programas no preparatório e secundário estão mal elaborados? Porque os professores estão insuficientemente preparados? Não estimulam os alunos? Não ensinam com paixão uma área que poderá ser determinante para o percurso do seu educando? Porque a sua aprendizagem exige trabalho contínuo?".

Sim, é urgente perceber as razões e combatê-las. Em grande medida, o futuro do país depende disso.



2016 como será?

grandes temas

www.oje.pt | sexta-feira 8 de janeiro de 2016 | 25 |

LUIS PAULO SALVADO
PRESIDENTE DA NOVABASE



É expectável um bom ambiente de investimento em matéria de TI em Portugal para 2016?

Face ao contexto macroeconómico atual em Portugal e no mundo, ainda não prevemos uma recuperação do investimento em TI em Portugal para 2016.

Apesar de algum suporte trazido pela entrada dos fundos europeus para 2016, as apostas nas exportações e na internacionalização continuarão a ser os fatores chave para o crescimento das empresas portuguesas. Para isso, é fundamental reforçarmos o investimento em Investigação e Desenvolvimento (I&D), na ciência e tecnologia e ainda na educação e qualificação dos portugueses.

O setor das TI vai gerar emprego?

Sim, para as empresas que apostarem na internacionalização. O sistema universitário português produz talento de grande qualidade e, por isso, é hoje um exportador líquido dessa capacidade. O desafio para o país e para as nossas empresas é encontrarem os modelos mais adequados para que essa riqueza se mantenha em Portugal, gerando cá o seu valor acrescentado e pagando cá os seus impostos.

Por exemplo, na Novabase, contratámos, nos últimos anos, mais de mil jovens recém-graduados, a maioria deles mestrados, os quais contribuem hoje diretamente para a exportação de serviços de enorme valor acrescentado para Portugal. Estimamos que, em 2015, iremos ultrapassar os 100 milhões de euros de negócio internacional, por via desta capacidade diferenciada.

Quais são os objetivos da Novabase para 2016?

Acreditamos que vamos continuar a crescer, muito por via da aposta na internacionalização. Nos primeiros nove meses de 2015, crescemos 25% internacionalmente, sendo a Europa o destino com mais negócio fora de Portugal, tendência que irá manter-se.



As apostas nas exportações e na internacionalização continuarão a ser os fatores chave para o crescimento



Muitas das reformas e das prioridades estratégicas do país ainda não viram a luz do dia pelo que, a curto/médio prazo, continuaremos a perder tempo e oportunidades

"Cautelosamente otimistas", eis a expressão que define o estado de espírito para 2016. As perspetivas nacionais e, sobretudo, as internacionais não irão facilitar-nos a vida e muitas das reformas e das prioridades estratégicas do país ainda não viram a luz do dia pelo que, a curto/médio prazo, continuaremos a perder tempo e oportunidades de melhoria. Portugal está mais atrativo para o investimento estrangeiro e isso sente-se diariamente, mas há muitas incertezas no ar e prova disso são todas as medidas recentes e outras que virão que estão assentes num cenário (super) otimista baseado em projeções infalíveis. Todos sabemos que um plano nunca corre como queremos. Assim, deveremos continuar a reforçar todos os mecanismos que alavancam as exportações, que permitam mais agilidade operacional, fiscal e laboral às empresas e garantir que esta sensação de melhoria (que os últimos indicadores contrariam) é realmente capitalizada. Os setores onde a Kelly Services atua estão, genericamente, muito dinâmicos, pelo que antecipamos um ano de crescimento moderado e certamente conseguiremos continuar a ajudar os nossos clientes a criarem mais uns milhares de postos de trabalho.



AFONSO CARVALHO
DIRETOR-GERAL DA KELLY SERVICES

SOFIA TENREIRO
DIRETORA-GERAL DA CISCO PORTUGAL



O que se pode esperar do ambiente de investimento em TI em Portugal?

O setor das TIC em Portugal apresentou crescimento em 2014 após cinco anos em queda, de acordo com a IDC. Este aumento deve-se à premente necessidade de atualização tecnológica das empresas privadas e públicas portuguesas, que devem enfrentar, o quanto antes, a sua transformação digital. Por isso, acreditamos que é imprescindível continuar a reforçar a aposta na inovação. No que toca às previsões, acreditamos que o setor das TIC em Portugal vai acelerar a sua tendência de crescimento em 2016, uma vez que as empresas sabem que devem ser céleres na transição digital, acompanhando a enorme rapidez do mercado.

Este setor vai gerar emprego?

O setor das TI já está a gerar emprego. Vivemos atualmente um problema de défice de profissionais que afeta não só Portugal mas toda a Europa. Ainda que a Europa tenha 24 milhões de desempregados - 7,4 milhões dos quais na área das TIC -, os dados da Comissão Europeia revelam que, em 2015, existiam 900 mil vagas por preencher nesta área. Para enfrentar este défice, a Cisco aderiu à iniciativa "Grande Coligação para a Criação de Empregos na Economia Digital" da Comissão Europeia.

Quais são os objetivos de negócio da Cisco para 2016?

Entramos em 2016 com uma visão clara, estando a estratégia a ser muito bem executada e permitindo-nos liderar a grande transformação que o mercado está a viver. As empresas assumem-se hoje como organizações digitais, estando focadas na forma como gerem, automatizam e tornam mais segura a explosão de interligações e de dados.

SÓNIA FRECHES
COO DA IDEFIAPHUB



É expectável um bom ambiente de investimento?

Perante as incertezas económicas, devido às condicionantes políticas e do setor da banca em Portugal no último ano, acreditamos que 2016 será um bom ano de investimento, embora ainda tenha de se continuar a trabalhar para uma maior estabilidade política e económica, para atrair investimento estrangeiro e aumentar a confiança das empresas nacionais para novos investimentos e mercados.

O objetivo para 2016 é crescer ou evitar a redução da atividade?

No nosso caso em concreto, é claramente de crescimento. Aliás, acabámos, há dias, uma nova expansão do espaço para acolher novas empresas nacionais e multinacionais que estão a iniciar as suas operações em Lisboa, nos mais diversos setores de negócio. Notamos inclusive, desde de novembro de 2015, um maior nível de confiança e de negócios junto da nossa comunidade de freelancers e empresas.

Este setor de atividade vai gerar mais emprego?

Entre a nossa comunidade, constatamos que a maioria tem processos de recrutamento em curso, embora manifestem grandes dificuldades em conseguir identificar e contratar os talentos adequados para as vagas.



Notamos inclusive, desde novembro, um maior nível de confiança e de negócios junto da nossa comunidade



Existem excelentes oportunidades para as empresas nacionais do setor das TI, que exportam de forma crescente

Que comportamento se estima para o emprego nas TI?

Tendo em consideração as necessidades existentes não só ao nível do mercado português, mas também, e principalmente, ao nível do mercado europeu e mundial, estamos em erer que o setor das TI irá gerar emprego líquido em Portugal. Em 2015, estimava-se uma escassez de cerca de 8 mil especialistas de TI só em Portugal. Este valor cresce para cerca de 15 mil quando perspetivamos o ano de 2020 em face do estudo mais recente da Comissão Europeia. Este estudo prevê ainda que, até 2020, sejam mais de 900 mil as ofertas de emprego na área das TI em toda a Europa. Tal facto é uma excelente oportunidade para Portugal, já que temos vindo a verificar também um crescente reconhecimento do mercado internacional pela marca Portugal no que ao setor das TI diz respeito. Existem hoje, por isso, excelentes oportunidades para as empresas nacionais do setor das TI, que exportam de forma crescente.

Quais os vossos objetivos para 2016?

O nosso objetivo para 2016 é continuar a crescer a dois dígitos, quer a nível nacional quer a nível internacional. Temos vindo a apostar no processo de internacionalização, sendo que cerca de 20% das nossas vendas no 2.º semestre de 2015 foram para outros países europeus, nomeadamente para a Bélgica e para a Irlanda.